

## POLIBOTÁNICA

Núm. 31, pp. 169-197, ISSN 1405-2768; México, 2011

ABORDAGEM ETNOBOTÂNICA NA COMUNIDADE DE CONCEIÇÃO-AÇU.  
MATO GROSSO, BRASIL

Maria Corette-Pasa

Depto. de Ciências Biológicas, ICEN, UFMT, Rondonópolis, Mato Grosso, Brasil. CEP:  
78735-901. Universidade Federal de Mato Grosso.Endereço eletrônico: [pasamc@brturbo.com.br](mailto:pasamc@brturbo.com.br)

## RESUMEN

El presente trabajo tuvo por objetivo el estudio etnobotánico de plantas clasificadas en diferentes categorías de uso en la comunidad de Conceição-Açu en el municipio de Cuiabá, MT, y estimar el valor de uso de estas especies en los bosques de galería. Entrevistas semiestructuradas y cuestionarios fueron aplicados a residentes adultos de ambos sexos. Se identificaron las unidades de paisaje: patios, huertas, campos y bosques de galería y 180 especies. La mayoría de las plantas se colectaron durante la entrevista y se depositaron en el herbario de la UFMT-Mato Grosso. En los patios en el interior de las residencias fueron identificadas 86 especies, pertenecientes a 43 familias, la mayoría cultivada y utilizada como alimento (48%), y uso medicinal (45%). En el campo los principales cultivos son: *Manihot esculenta* Crantz. (100%), *Carica papaya* L. (76%), *Musa paradisiaca* L. (71%), *Saccharum officinarum* L. (57%). En el bosque de galería las plantas medicinales se destacaron (65%) con las especies: *Copaifera langsdorffii* Desf., *Aspidosperma polyneuron* Muell. Arg., *Hymenaea stignocarpa* Mart., *Diptychandra aurantiaca* Tul., *Cariniana rubra* Gardner ex Miers y las familias botánicas Mimosaceae, Bignoniaceae, Caesalpiniaceae, Fabaceae y Sapindaceae. Los resultados muestran que la población posee

conocimiento de la diversidad vegetal en las unidades de paisaje rural.

**Palabras clave:** etnobotánica, plantas, Conceição-Açu.

## ABSTRACT

This paper focuses on an ethnobotanical survey of plants classified into different categories of use in the community of Conceição-Açu, in the city of Cuiabá, Mato Grosso. One of the aims was to estimate the use value of gallery forest plants. Structured and non-structured interviews and questionnaires were administered to adult residents of both sexes, and the following landscape units were identified: backyard, home garden and gallery forest. A total of 180 useful plant species were identified, the majority of which were collected during the interviews. These were deposited in the Herbarium of the Federal University of Mato Grosso. In the backyards of the residences, 86 species belonging to 43 families were identified, the majority of them cultivated and utilized as food (48%) or medicine (45%). In the home gardens the main crops were *Manihot esculenta* L. (100%), *Carica papaya* L. (76%), *Musa paradisiaca* L. (71%) and *Saccharum officinarum* L. (57%). About 65% of gallery forest species were considered medicinal plants. Prominent among them were the

species *Copaifera langsdorffii* Desf., *Aspidosperma polyneuron* Muell. Arg., *Hymenaea stignocarpa* Mart., *Diptychandra aurantiaca* Tul., *Cariniana rubra* Gardner ex Miers and the families Mimosaceae, Bignoniaceae, Caesalpiniaceae, Fabaceae and Sapindaceae. The results showed that people are knowledgeable about plant diversity in the landscape units of the countryside.

**Key words:** ethnobotany, plants, Conceição-Açu.

### RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo realizar o levantamento etnobotânico de plantas classificadas em diferentes categorias de uso na comunidade de Conceição-Açu, no município de Cuiabá, MT e estimar o valor de uso das espécies botânicas em matas de galeria. Entrevistas estruturadas e semi estruturadas e o uso do questionário foram aplicados em residentes adultos de ambos os sexos. Identificou-se as unidades de paisagem: quintais, roças, hortas e matas de galeria, e identificadas 180 espécies. A maioria das espécies foi coletada durante a entrevista e depositadas no Herbário da UFMT. Nos quintais das residências identificou-se 86 espécies, pertencentes a 43 famílias, a maioria cultivada e utilizada como alimento (48%) e como remédio (45%). Nas roças os principais cultivos são: *Manihot esculenta* Crantz. (100%), *Carica papaya* L. (76%), *Musa paradisiaca* L. (71%), *Saccharum officinarum* L. (57%). Na mata de galeria destacou-se a categoria medicinal (65%), com as espécies: *Copaifera langsdorffii* Desf., *Aspidosperma polyneuron* Muell. Arg., *Hymenaea stignocarpa* Mart., *Diptychandra aurantiaca* Tul., *Cariniana rubra* Gardner ex Miers e as famílias botânicas

Mimosaceae, Bignoniaceae, Caesalpiniaceae, Fabaceae e Sapindaceae. Os resultados mostram que a população ao referir as categorias de uso das plantas expressam o conhecimento sobre a diversidade vegetal nas unidades de paisagem rural.

**Palavras-chave:** etnobotânica, plantas, Conceição-Açu.

### INTRODUÇÃO

O cerrado brasileiro apresenta uma biodiversidade que oferece distintas possibilidades para um aproveitamento sustentável, como enfatizam Guarim Neto *et al.* (2000). Logo, os recursos vegetais assumem uma importância decisiva nesse processo, pois, através dos séculos, a sua utilização por grupos humanos tem fornecido elementos primordiais para a manutenção da vida humana e mesmo de todos os outros organismos que habitam essas áreas.

O conhecimento específico sobre o uso de plantas é o resultado de uma série de influências culturais, como a dos colonizadores europeus, dos indígenas e dos africanos. Os descobrimentos e a conquista de novas terras por parte dos colonizadores tiveram diversas conseqüências. Uma delas, talvez a mais notável, tenha sido o fato de que muitas plantas hoje empregadas na medicina popular, foram introduzidas no início da colonização do Brasil. Não só plantas medicinais estiveram envolvidas nesse movimento de plantas entre os continentes, mas também muitas hortaliças (Almeida & Albuquerque, 2002).

A etnobotânica tem como o objetivo a busca de conhecimento e resgate do saber botânico tradicional, particularmente relacionado

ao uso dos recursos da flora. Os estudos etnobotânicos indicam que a estrutura de comunidades vegetais e paisagens é sempre afetada pelas pessoas, tanto sob aspectos negativos, como beneficiando e promovendo os recursos manejados. Os seres humanos agem como agente seletivo para plantas, alterando ciclos de vida, padrões de mortalidade, reprodução e sobrevivência de suas populações, bem como modificando e tirando vantagens das defesas químicas para seu benefício (Ferraz *et al.*, 2006). Nesse contexto, a investigação etnobotânica pode desempenhar funções de grande importância, como reunir informações acerca de todos os possíveis usos das plantas, contribuindo para o desenvolvimento de novas formas de exploração dos ecossistemas que se oponham às formas destrutivas vigentes.

Para Galeano (2000), somente nas últimas décadas o desenvolvimento e aplicações de métodos quantitativos na etnobotânica receberam maior atenção. Phillips & Gentry (1993a) buscaram abordagens quantitativas e estatísticas para os dados de levantamentos etnobotânicos, de forma a proporcionar o uso de testes de hipóteses e de técnicas de estimativas de parâmetros, ao mesmo tempo que defenderam a adoção do valor de uso como uma variável quantitativa capaz de refletir a importância de cada espécie. Ainda para Galeano (2000), é importante que a avaliação do valor de uso seja feita por categorias de uso para que assim reflita o manejo aplicado pela comunidade à floresta e possibilite identificar as espécies objeto de coletas destrutivas.

A abordagem sobre a utilização, a manutenção e a conservação de tais recursos é discutida na literatura, e, sobre esse aspecto, entre outros, autores como Martin (1995),

Alexiades (1996), Amorozo (2000), Albuquerque & Andrade (2002) têm oferecido uma contribuição valiosa, enfocando o contexto etnobotânico nos mais diversos espaços geográficos do país, bem como a relação que se estabelece entre as populações humanas, o ambiente e seus recursos.

Em Mato Grosso desvelar o universo do etnoconhecimento em uma população humana é sem sombra de dúvidas uma tarefa gratificante e resgatar, através da etnobotânica, os conhecimentos acumulados através de gerações revelam uma pluralidade cultural, biológica, social que, no caso específico dos estudos de recursos vegetais, volta-se para a potencialidade da flora (Macedo *et al.*, 2004, Pasa *et al.*, 2004, 2005 e Pasa 2007, 2008; Guarim Neto & Carniello, 2008, Morais *et al.*, 2009), especificamente das plantas com diversificadas formas de uso, que se distribuem para compor as etnocategorias (as êmicas), oriundas do saber local (Geertz, 2000) instalado, decodificadas por meio da cientificidade (as éticas).

Este estudo tem como objetivo catalogar, sistematizar e analisar, de forma integrada, o conhecimento etnobotânico que os moradores rurais da comunidade de Conceição-Açu possuem a respeito da flora local, bem como a utilização desses recursos vegetais e a dinâmica que move a interação homem-planta.

## MATERIAL E MÉTODOS

### Área de estudo

A comunidade rural de Conceição-Açu está situada na Baixada Cuiabana, no Município de Cuiabá, MT. A área localiza-se a 45 km ao sul de Cuiabá, na alta bacia do rio Aricá

Açu, afluente do rio Cuiabá (região de APA conforme Decreto Estadual de 27/11/1995). Delimitada pelas coordenadas geográficas 15° 30' e 15° 40' S e 55° 35' e 55° 50' W pertence à Microregião de Cuiabá e Mesoregião – Centro Sul Mato-grossense (Radambrasil, 1982) (Fig. 1).

Segundo a classificação climática de Köppen, domina na área um sistema de clima pertencente ao Grupo A (Clima Tropical Chuvoso). O tipo climático é predominantemente o Aw, caracterizado por ser um clima quente e úmido com duas estações definidas, uma estação chuvosa (outubro a março) e outra seca (abril a setembro), que coincide com o inverno. As precipitações médias anuais registram em torno de 2000 mm e as temperaturas médias são altas e regulares durante o ano, com médias anuais de 23°C a 25°C. Há um declínio pouco sensível nos meses de julho e agosto. A média das máximas fica entre 30°C e 32°C sem grandes oscilações durante o ano, embora as mínimas decresçam no inverno e a noite. A formação vegetal predominante é o cerrado, com a presença de floresta decídua na encosta dos morros, com paredões e afloramentos calcáreos representados pela Serra de Chapada dos Guimarães e mata de galeria ao longo dos rios (PCBAP, 1997).

A área de estudo é banhada pelos mananciais hídricos da porção alta e margem esquerda da microbacia do rio Aricá-Açu, potencial hídrico da região, caracterizado como um rio de 3ª ordem, conforme classificação de Strabler & Strabler (1989). Seus afluentes, caracterizados como de menor porte, são representados pelos rios e córregos denominados Aguaçu, Claro, Glória, Conceição, Tamanduá, Piancó, Barrero, entre outros. O rio Aricá Açu possui uma extensão de

aproximadamente 112 km e a porção alta da bacia que representa a área de estudo possui 31 km e uma área de aproximadamente 413 km<sup>2</sup> (Laboratório de Cartografia da UFMT, 2007).

A região apresenta solos minerais não hidromórficos, com horizonte B, do vermelho ao amarelo, de textura média à argilosa, de pouco profundo a profundo, podendo ser bem drenado ou imperfeitamente drenado e relevo ondulado, forte ondulado e montanhoso; a unidade típica de paisagem é de savana com mata de galeria (PCBAP, 1997).

Embora a região localizada não muito distante da área urbana, o que não impede a penetração das concepções do mundo atual, influenciadas pelo meio social circundante sob a força da urbanização que avança em direção à área rural de forma acelerada, ainda é visível as atividades econômicas como agricultura familiar, fabricação de farinha de mandioca, pesca, caça, somente para consumo da família ou a troca de excedentes (produtos coletados e/ou cultivados) dentro da comunidade ou entre familiares.

## METODOLOGIA

Os dados foram coletados entre outubro de 2001 a dezembro de 2002 e julho de 2007, com frequência de visitas semanais. A coleta dos dados etnobotânicos se deu nas propriedades rurais da comunidade Conceição-Açu, pertencentes ao município de Cuiabá. O referencial metodológico seguiu os pressupostos da etnobotânica (Martim, 1995, Alexiades, 1996). Utilizou-se formulário, observação participante, entrevistas semi-estruturadas (Minayo, 1994) para obtenção de características sócio-econômicas dos informantes, características botânicas

173

e ecológicas das plantas com diferentes categorias de uso (Albuquerque & Lucena, 2008). A técnica utilizada foi bola de neve, (Amorozo, 2000), onde o morador mais popular da comunidade é o primeiro contato e, após apresentada a outros informantes sucessivamente. As próximas entrevistas se deram na residência dos moradores. Foram entrevistados todas as pessoas adultas da comunidade num total de 59 informantes, sendo 28 mulheres e 31 homens.

Durante a coleta dos recursos vegetais, do registro fotográfico, das gravações em fita cassete (previamente autorizadas) e das anotações durante as expedições detectaram-se as seguintes unidades de paisagem utilizadas pela comunidade local: roças, hortas, quintais e mata de galeria. As hortas localizam-se dentro dos quintais, próximo da casa, facilitando seu uso pelo acesso imediato. As exsicatas do material botânico foram identificadas por especialistas do Departamento de Botânica e Ecologia do Instituto de Botânica e do Herbário Central da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), conforme sistema de classificação de Cronquist (1988), adotando Polhill & Raven (1981), onde encontram-se catalogadas e depositadas.

A valoração utilitária para as espécies da mata de galeria foram consideradas em função da multiplicidade de uso, bem como os aspectos ecológicos, parte usada e indicação terapêutica para as plantas utilizadas. Nas entrevistas os informantes mostravam os objetos e as plantas usadas, as quais foram classificadas em diferentes categorias de uso pela comunidade local, ou seja, como alimentícia, medicinal, ornamental, místico-religiosa, fabricação de utensílios domésticos e de trabalho.

As espécies com aplicação terapêutica consideradas neste trabalho incluem, além daquelas indicadas para tratar de enfermidades correspondentes a medicina oficial, como também para *olho-gordo*, *inveja* e *quebrante*, uma vez que fazem parte do universo nosológico da comunidade estudada porém, não reconhecidas pela biomedicina. As plantas citadas pelos informantes (quintais, hortas, roças e mata de galeria) em suas diferentes categorias de uso foram catalogadas e agrupadas com base na classificação das doenças CID (Código Internacional de Doenças) proposta pela Organização Mundial de Saúde (OMS, 2000).

Informações consensuais de valor de uso refletem a importância de cada uso ou espécie por informante, visto que, em um maior número de situações, é razoável assumir que o aumento de evidência sobre um dado uso ou planta refletirá, provavelmente, na menção destes. A distribuição do “valor de uso” é, geralmente, contínua e discreta. Os dados de “valor de uso” calculados através de resultados por uso ou por plantas são expressos em termos proporcionais comparados com o número de entrevistas. (Albuquerque & Lucena, 2008).

Para análise dos dados da pesquisa as diferentes técnicas quantitativas seguiram as metodologias de autores como Martin (1995); Phillips & Gentry (1993 a), Phillips (1996), Albuquerque & Lucena, 2008.

Para se calcular o valor de uso empregouse:

a. O *valor de uso* de cada espécie (*sp*) por cada informante (*i*), dado como:

$$VU_{spi} = \frac{\sum U_{spi}}{N_{spi}}$$



onde,  $U_{spi}$  é o número de usos mencionados por informante  $i$  por espécie  $sp$  em cada evento, e  $ns_{pi}$  é o número de eventos com o informante  $i$  por espécie  $sp$ .

b. O valor de uso global de cada espécie ( $VU_{sp}$ ), dado como:

$$VU_{sp} = \frac{\sum VU_{spi}}{ns}$$

onde,  $ns$  é o número de informantes entrevistados por cada espécie.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### Caracterização sócio-econômica dos entrevistados

Num universo de 24 famílias (90 pessoas) que compõe a população da comunidade rural local foram entrevistados 59 indivíduos adultos. Dos entrevistados, cerca de 52% são homens e 48% são mulheres. Em média, os entrevistados tem 55 anos de idade. Todos os entrevistados são agricultores ( $n = 59$ ), mas também desempenham outras atividades. Do total de mulheres entrevistadas ( $n = 28$ ), cerca de 90% trabalham no cultivo de plantas (agricultura familiar) e também responsáveis pelos cuidados com a casa e 10% são aposentadas. Dos homens entrevistados ( $n = 31$ ), cerca de 85% exercem atividades rurais como principal fonte de renda familiar e outros 15% são aposentados.

Quanto a escolaridade a maioria dos entrevistados cursou no máximo até a 4ª série do ensino fundamental e 45% não possui escolaridade. A dificuldade de acesso a escola algumas décadas atrás e a lida na roça desde a infância são os fatores que contribuíram

para a reduzida taxa de escolaridade. Com relação a posse de terra, cerca de 90% são proprietários da terra que ocupam, tanto para moradia quanto para cultivo de plantas e criação de animais, como gado, por exemplo.

Algumas características ainda fazem com que a região estudada seja considerada como o reduto das etnias de negros e índios da Baixada Cuiabana (Pasa *et al.*, 2004, Pasa, 2007, Guarim Neto *et al.*, 2008, Moraes *et al.*, 2009). Essa região de tradição rural, a relação com a terra baseia-se na produção de subsistência e troca do excedente, utilizando basicamente a mão-de-obra familiar. A sociabilidade constrói-se em torno das comunidades rurais e da ajuda mútua entre vizinhos e parentes, o que, segundo Candido (1964), caracteriza a sociedade caipira tradicional, onde a “cultura caipira” é analisada como um modo de vida próprio das antigas populações interioranas do Estado de São Paulo, em geral mestiços de brancos com índios. Os dados do censo demográfico (IBGE, 2006) reafirmam esta forte ligação com a terra, pois na comunidade a maioria dos moradores reside no local há mais de trinta anos. Estes dados nos levam a inferir que existe uma resistência por parte da população rural, que insiste em permanecer em seu local de origem.

### As Unidades de Paisagem

A organização espacial da região muito se deve às características ambientais e as relações sociais construídas e reconstruídas ao longo da história de ocupação e de trabalho vividas pela população local. Na região, diríamos que, pelo menos, quatro ambientes ecológicos são imediatamente percebidos: roça, quintal, horta e mata de galeria.

### As roças

A formação desse espaço geográfico produtivo e reprodutivo está montado sobre um cenário que levou décadas para emergir das bases da organização social, política e étnica na região.

As roças representam os espaços de produção agrícola cuja formação ocorre nas áreas abertas no interior da vegetação natural, principalmente com a derrubada da mata ripária ou nas bordas do campo cerrado fazendo limite com as matas.

As áreas de manejo agrícola são representadas pelas unidades familiares. As atividades agrícolas praticadas pelos moradores rurais são, principalmente, as culturas de cana-de-açúcar, mandioca, banana, mamão, melancia, milho e feijão. A agricultura de subsistência, nessa região, é considerada atividade fundamental, sendo diversificada nas unidades de produção familiar da comunidade. Identificou-se nas roças locais um número mínimo (3) de cultivos agrícolas *Manihot esculenta* Crantz. (mandioca), *Carica papaya* L. (mamão), *Musa paradisiaca* L. (banana) e um máximo (7) sendo *Phaseolus vulgaris* L. (feijão preto), *Zea mays* L. (milho), *M. esculenta* Crantz (mandioca), *M. paradisiaca* L. (banana), *C. papaya* L. (mamão), *Citrullus vulgaris* L. (melancia) e *Saccharum officinarum* L. (cana-de-açúcar). Como a produção agrícola está baseado na mão-de-obra familiar alguns cultivos encontram-se retraídos. Especificamente é caso do *Zea mays* L. e *Phaseolus vulgaris* L., sendo que 14 % dos moradores ainda se dispõem a plantar e do *Oryza sativa* L. 9,5%, mas não em todos os anos. A retração na produção desses cultivos é justificada pela redução da mão-de-obra familiar, geralmente dos filhos

que saíram para estudar ou em busca de outras atividades de natureza não rurais.

Foi registrado um total de 12 produtos cultivados, e entre eles a *M. esculenta* Crantz. constitui o cultivo principal (Tabela 1) e caracteriza-se como uma exploração tipicamente regional, sem fins de comercialização. Dados semelhantes foram reportados em Santo Antônio do Leverger (MT) (Amorozo, 2000) e entre os caiçaras da Mata Atlântica (Begossi, 2001). O processamento doméstico da mandioca para a produção de farinha é de pequena escala e artesanal, apenas para o consumo familiar, sendo o método tradicional o manejo que vigora na comunidade.

Dados semelhantes destacam Albuquerque & Andrade (2002) em estudos no agreste Pernambucano afirmando que a comunidade rural depende de várias atividades produtivas, dentre as quais predomina uma economia de subsistência baseada no cultivo de feijão (*Phaseolus vulgaris* L.), milho (*Zea mays* L.), mandioca (*Manihot esculenta* Crantz), e de algumas fruteiras como a pinha (*Annona squamosa* L.) e a goiaba (*Psidium guajava* L.). Grandes áreas são cultivadas com a palma forrageira (*Opuntia ficus-indica* Mill.) para a alimentação de animais e coleta de frutos para consumo humano. Os locais de cultivo geralmente estão na área das casas, aqui denominadas de unidades produtivas. O plantio em geral é feito nas primeiras chuvas que geralmente caem nos meses de abril a junho. No entanto, os pequenos agricultores podem perder a colheita, principalmente nos anos caracterizados pela baixa precipitação pluviométrica.

A área de plantio diversificado nas roças de Conceição-Açu varia de 0,4 ha até 2 ha por unidade familiar. As atividades referentes à



**Tabela 1.** Frequencia dos cultivos nas roças das propriedades rurais. Conceição Açu, Cuiabá, MT.

Nº de Propriedades	Espécie	Frequência (%)
24	<i>Manihot esculenta</i> Crantz.	100
19	<i>Carica papaya</i> L.	80.0
18	<i>Musa paradisiaca</i> L.	75.0
18	<i>Citrus aurantium</i> L.	75.0
18	<i>Citrus limonum</i> Osbeck	75.0
15	<i>Saccharum officinarum</i> L.	62.0
14	<i>Citrullus vulgaris</i> L.	58.0
13	<i>Ipomoea batatas</i> L. Lam.	55.0
06	<i>Zea mays</i> L.	25.0
06	<i>Ananas comosus</i> (L.) Merril	25.0
06	<i>Phaseolus vulgaris</i> L.	25.0
05	<i>Oryza sativa</i> L.	20.0

roça não apresentam grandes distinções na divisão sexual do trabalho, sendo que 10% do total das propriedades (24) na região são administradas somente por mulheres. Os cuidados dispensados à manutenção das lavouras envolvem a limpeza constante da área de plantio, a qual é executada com frequência diária, que varia de uma a duas vezes. Ainda, em relação aos cuidados dispensados às roças é importante registrar a presença da fauna (*Tapirus terrestris*, *Dasyprocta aguti*, *Agouti paca*, *Hydrochaerus hydrochaeris*, *Mazama gouazoubira*, *Dusycion vetulus*, *Tayassu tajacu*, *Euphactus sexcinatry* etc) na época da seca. Este comportamento constitui-se um padrão sazonal resultante da ação conjunta de fatores climáticos e ecológicos que se traduz pela diminuição ou mesmo falta de alimentos nas matas de

galeria da região, representando uma soma de habitats de borda.

Para manter o estoque genético das espécies plantadas nas roças, as sementes são obtidas, geralmente, na propriedade. A troca, entre parentes e vizinhos, constitui uma prática bastante comum na região, não sendo comum a compra de sementes ou mudas de plantas.

Os moradores da comunidade são simples e trabalham sem equipamentos modernos nas atividades da produção agrícola local. Encontram-se limitados pela escala de produção imposta pelo tamanho da propriedade, que são pequenas, e pela falta de infra-estrutura e mão-de-obra. Assim, usam a estratégia de manter a produção diversificada a qual é

percebida como uma técnica aprimorada que conta com a força da mão-de-obra familiar como uma atividade *locus* de produção e sobrevivência da família. É comum entre os moradores de Conceição-Açu o uso dos recursos naturais como insumos, expressando uma tecnologia própria e pertinente para a forma de trabalho agrícola local. O esterco de animais domésticos e restos de alimentos são usados como adubo em 80% das propriedades (24) da comunidade. As técnicas rotação de cultura e plantio consorciado são executadas em 17 e 13 das propriedades rurais locais, respectivamente. Em termos de conservação dos recursos vegetais a prática do *pousio* na formação das roças constitui uma estratégia que visa a ressignificação da fertilidade da terra para novos plantios.

### Os quintais

Os sistemas de quintais agro-florestais são conhecidos também como hortos caseiros onde ocorre o uso da terra em propriedade particular, na qual varia espécies de árvores são cultivadas juntamente com culturas perenes e anuais e, ocasionalmente, criação de pequenos animais ao redor da casa (Wiersum, 1982).

Outro espaço que colabora para a subsistência da família é o quintal, que exerce considerável papel econômico na vida das pessoas. Em geral, os quintais de Conceição-Açu localizam-se atrás das residências, sendo de tamanho suficiente para atender a demanda familiar; são constituídos por espécies perenes e uma riqueza de espécies que permite a produção ao longo do ano. Além disso, os quintais possuem uma cobertura vegetal diversificada sobre o solo. A produção vegetal dos quintais e hortas na região pode ser dividida em espécies (1) frutíferas,

(2) hortaliças e (3) medicinais. Todas as residências (24) possuem um quintal que serve, entre outras funções, como fonte de alimento e de remédio. É através da produção hortifrutífera dos quintais que a população (1) mantém a baixa dependência de produtos adquiridos externamente, porque os quintais são aptos para fornecer produtos para uso local bem como contribuir para a economia regional através dos produtos que este espaço oferece; (2) ocasiona impactos mínimos sobre o ambiente, ao desempenhar várias funções ecológicas, incluindo benefícios hidrológicos, modificações microclimáticas e controle da erosão do solo; (3) conserva os recursos vegetais e a diversidade cultural, fundamentada no saber e na cultura dos moradores locais, recebendo um tratamento especial ao ser utilizado como espaço para atividades variadas como: trabalho, encontros, festas, rezas e cerimônias; (4) utiliza os insumos naturais (dejetos animais, restos de vegetais, folhas, raízes, cinza) como adubo natural nas hortas e quintais para garantir a boa produção de subsistência.

Foram encontradas 83 espécies nos quintais das residências (24) e representadas por 43 famílias botânicas (tabela 2). A maioria das espécies foi registrada praticamente em todos os quintais das residências. As categorias de uso das plantas nos quintais que foram citadas pelos informantes refletem a demanda das necessidades básicas de cada família, ou seja, alimentação, medicinal, ornamental, lenha, fibra, utensílios e cerimoniais, refletindo a influência cultural da população local (índios e negros) na seleção de espécies introduzidas na unidade de paisagem quintal.

A categoria de uso alimentar representou 48% das espécies e estão presentes em todos

**Tabela 2.** Espécies existentes nos quintais de Conceição Açu, Cuiabá, MT. Usos:

Al = Alimento; Re = Remédio; Or = Ornamental; Ot = Outros

<b>Espécie</b>	<b>Nome Vulgar</b>	<b>Família</b>	<b>Usos</b>
<i>Persea americana</i> Mill.	Abacate	Lauraceae	Al
<i>Ananas comosus</i> (L.) Merrill	Abacaxi	Bromeliaceae	Al
<i>Cucurbita pepo</i> L.	Abóbora	Cucurbitaceae	Re, Al
<i>Malpighia glabra</i> L.	Acerola	Malpighiaceae	Al
<i>Lactuca sativa</i> L.	Alface	Asteraceae	Al
<i>Gossypium herbaceum</i> L.	Algodão	Malvaceae	Re
<i>Chicorium endivia</i> L.	Almeirão	Asteraceae	Al
<i>Morus nigra</i> L.	Amora	Moraceae	Al
<i>Artemisia absinthium</i> L.	Atermije, losna	Asteraceae	Re
<i>Ruta graveolens</i> L.	Arruda	Rutaceae	Re, Ot
<i>Vernonia ferruginea</i> Less.	Assa-peixe	Asteraceae	Re
<i>Adiantum</i> sp.	Avenca	Adiantaceae	Or
<i>Alloe vera</i> L.	Babosa	Liliaceae	Re
<i>Musa parasidiaca</i> L.	Banana	Musaceae	Al
<i>Ipomoea batatas</i> L. Lam.	Batata- doce	Convolvulaceae	Al
<i>Begonia</i> sp.	Begônia	Begoniaceae	Or
<i>Coleus barbatus</i> (Andrews) Benth.	Boldo	Lamiaceae	Re
<i>Brachiaria</i> sp.	Braquiária	Poaceae	Or
<i>Cereus</i> sp.	Cacto	Cactaceae	Or
<i>Coffea arabica</i> L.	Café	Rubiaceae	Al
<i>Vernonia polianthes</i> L.	Caferana	Asteraceae	Re
<i>Spondias dulcis</i> L.	Cajá-manga	Anacardiaceae	Re, Al
<i>Anacardium occidentale</i> L.	Caju	Anacardiaceae	Al
<i>Matricaria chamomilla</i> L.	Camomila	Asteraceae	Re
<i>Saccharum officinarum</i> L.	Cana-de-açúcar	Poaceae	Al
<i>Bambusa vulgaris</i> L.	Cana-taquara, taboca	Poaceae	Al
<i>Cymbopogum citratus</i> L.	Capim -cidreira	Poaceae	Re, Or
<i>Jacaranda semiserrata</i> C.	Carobinha-do-campo	Bignoniaceae	Re
<i>Baccharis trimera</i> (Less.) DC.	Carqueja	Asteraceae	Re
<i>Allium choenoprasum</i> L.	Cebolinha	Liliaceae	Al
<i>Daucus carota</i> L.	Cenoura	Apiaceae	Al
<i>Coriandrum sativum</i> L.	Coentro	Apiaceae	Al
<i>Cocos nucifera</i> L.	Coco-da-Bahia	Arecaceae	Al, Or
<i>Alpinia speciosa</i> Schum.	Colônia	Zingiberaceae	Re
<i>Dieffenbachia picta</i> Schott.	Comigo-ninguém-pode	Araceae	Or, Ot
<i>Symphytum officinale</i> L.	Confrei	Boraginaceae	Re

Tabela 2. Continuação.

Espécie	Nome Vulgar	Família	Usos
<i>Brassica oleracea</i> L.	Couve	Brassicaceae	Al
<i>Lipia alba</i> (Mill.) N.E. Brown	Erva-cidreira	Verbenaceae	Re
<i>Polygonum acre</i> Lam.	Erva-de-bicho	Polygonaceae	Re
<i>Sansevieria cylindrica</i> Hort	Espada-São-Jorge	Liliaceae	Or,Ot
<i>Spathodea campanulata</i> P. Beauv.	Espatódea	Bignoniaceae	Or
<i>Spinacea oleracea</i> L.	Espinafre	Chenopodiaceae	Al
<i>Eucalyptus</i> spp	Eucalipto	Myrtaceae	Re,Or
<i>Cassia occidentale</i> L.	Fedegoso	Leguminosae	Re
<i>Zingiber officinalis</i> Rosc.	Gengibre	Zingiberaceae	Re
<i>Sesamum indicum</i> DC	Gergelin	Pedaliaceae	Al
<i>Psidium guajava</i> L.	Goiaba	Myrtaceae	Al,Or
<i>Petiveria alliacea</i> L.	Guiné	Phytolaccaceae	Re,Ot
<i>Mentha piperita</i> L.	Hortelã	Lamiaceae	Re
<i>Myrciaria cauliflora</i> (DC) Berg.	Jaboticaba	Myrtaceae	Al
<i>Artocarpus integrifolia</i> L.f.	Jaca	Moraceae	Al
<i>Genipa americana</i> L.	Jenipapo	Rubiaceae	Al
<i>Stachytarpheta augustifolia</i> Lopez-Palacios	Jervão	Verbenaceae	Re
<i>Solanum</i> aff. <i>lyocarpum</i> A. St.-Hil.	Jurubeba	Solanaceae	Re
<i>Citrus aurantium</i> L.	Laranja	Rutaceae	Al,Or
<i>Citrus limetta</i> Risso	Laranja-lima	Rutaceae	Al,Or
<i>Citrus limonum</i> Osb.	Limão	Rutaceae	Re,Al,O r
<i>Carica papaya</i> L.	Mamão	Caricaceae	Al
<i>Manihot esculenta</i> Crantz.	Mandioca	Euphorbiaceae	Al
<i>Mangifera indica</i> L.	Manga	Anacardiaceae	Al,Or
<i>Passiflora edulis</i> Sims	Maracujá	Passifloraceae	Re,Al,O r
<i>Achyrocline satureioides</i> (Lam.) DC.	Macela	Asteraceae	Re
<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Mastruz	Chenopodiaceae	Re
<i>Cucumis melo</i> L.	Melão	Cucurbitaceae	Al
<i>Zea mays</i> L.	Milho	Poaceae	Al
<i>Encyclia</i> sp.	Orquídea	Orchidaceae	Or
<i>Cucumis sativus</i> L.	Pepino	Cucurbitaceae	Al
<i>Mentha pulegium</i> L.	Poejo	Lamiaceae	Re
<i>Phyllanthus niruri</i> L.	Quebra-pedra	Euphorbiaceae	Re

**Tabela 2.** Conclusión.

<b>Espécie</b>	<b>Nome Vulgar</b>	<b>Família</b>	<b>Usos</b>
<i>Punica granatum</i> L.	Romã	Punicaceae	Re, Or
<i>Eruca sativa</i> Mill.	Rúcula	Brassicaceae	Al
<i>Sambucus nigra</i> L.	Sabugueiro	Caprifoliaceae	Re
<i>Petroselinum crispum</i> (Mill.) Nyman	Salsa	Apiaceae	Al
<i>Smilax</i> sp.	Salsaparrilha	Smilacaceae	Re
<i>Polypodium</i> sp.	Samambaia-do- brejo	Polypodiaceae	Or
<i>Terminalia cattapa</i> L.	Sete-copas	Combretaceae	Or
<i>Colocasia esculenta</i> L.	Taioba	Araceae	Re
<i>Tamarindus indica</i> L.	Tamarindo	Leguminosae	Al
<i>Lycopersicum esculentum</i> Mill.	Tomate	Solanaceae	Re, Al
<i>Bactris glaucescens</i> Drude	Tucum	Arecaceae	Re
<i>Bixa orellana</i> L.	Urucum	Bixaceae	Al
<i>Cereus peruvianus</i> Mill.	Urumbeba	Cactaceae	Or
<i>Scoparia dulcis</i> L.	Vassourinha	Scrophulariaceae	Re

os quintais, com destaque para as frutíferas, sendo as mais freqüentes *Mangifera indica* L. (manga), *Anacardium occidentale* L. (caju), *Psidium guajava* L. (goiaba), *Citrus aurantium* L. (laranja) e *Citrus limonum* Osbeck (limão) entre outras. Dados semelhantes foram registrados nas comunidades de Varginha, Barreirinho e Morro Grande no Mato Grosso por Amorozo (2000).

A categoria de uso ornamental representou 25% do total das espécies usadas pela população. As famílias Rutaceae, Myrtaceae, Cactaceae e Poaceae foram as mais freqüentes nessa categoria. Mais da metade das espécies utilizadas como ornamentais são também consideradas alimentícias, como é o caso da *Mangifera indica* L., *Myrciaria cauliflora* (Mart.) O. Berg., *Anacardium occidentale* L., *Citrus aurantium* L. e *Citrus limonum* Osbeck, destacando-se como importantes elementos estruturais nessa unidade de paisagem.

Espécies como *Ruta graveolens* L. (arruda), *Dieffenbachia picta* Schott. (comigo-ninguém-pode), *Sansevieria trifasciata* Hort. (espada-de-São Jorge) e *Petiveria alliacea* L. (guiné) foram referidas como de “proteção” baseado no uso em crenças e ritos espirituais, representando as espécies usadas nos “cerimoniais religiosos”.

A categoria medicinal representa 45% das espécies usadas pela população e as famílias mais freqüentes foram Asteraceae, Lamiales, Liliaceae, Solanaceae e Verbenaceae. As espécies medicinais mais freqüentes foram *Coleus barbatus* (boldo), *Baccharis trimera* (Less.) DC (carqueja), *Artemisia absinthium* L. (atermije), *Chenopodium ambrosioides* L. (mastruz), *Mentha pulegium* L. (poejo), *Phyllanthus orbiculatus* Rich.

(quebra-pedra), *Symphytum officinale* L. (confrei), *Matricaria recutita* L. (camomila), *Cymbopogum citratus* L. (capim-cidreira), entre outros. Resultados semelhantes foram encontrados por Guarim Neto & Carniello (2008), Pasa *et al.* (2004, 2005, 2006), Pasa (2007); Borba *et al.* (2006) e Berg (1980). Algumas destas espécies, na sua maioria herbáceas, possivelmente foram introduzidas por imigrantes, devido à sua facilidade de transporte de uma região para outra.

Das plantas usadas como medicinais 37 espécies foram indicadas para tratamento de 29 doenças, como: inflamação do útero, inflamação do ovário, febre, dor de cabeça, abortivo, diurético, úlcera, gastrite, tontura, derrame, pressão alta, vômito, diarreia, tosse, gripe, hemorróida, vermes, azia, varizes e fraturas (tabela 3). A parte da planta usada como remédio que obteve o maior percentual foi a folha (69%), seguida da flor (5.5%), raiz (5.5%), sumo, casca do caule, fruto, semente e bulbo (2.8% cada uma). Entre as formas de preparo, a mais expressiva é o chá (81%), outras formas também foram relatadas como infusão, compressas, banhos, macerado, emplastro e ao natural.

O uso das plantas como remédio destaca o sistema digestório com 25% para o tratamento de indigestão, prisão de ventre, diarreia, dores estomacais e fígado, seguido pelas doenças ocasionadas por infecção e parasitas com 17%, aparelhos circulatório e geniturinário (16%) cada, sistema tegumentar (8%) e sistema nervoso e aparelho respiratório (5.5%) cada. Doenças do sistema osteomuscular e tecido conjuntivo, afecções do sangue e órgão hematopoiéticos, transtornos mentais e comportamentais representam 2.5% cada. Esses resultados são compara-



**Tabela 3.** Plantas cultivadas nos quintais usadas como remédio para as doenças referidas pelos informantes. Conceição-Açu, Cuiabá, Mato Grosso.

<b>Categorias</b>	<b>Planta</b>	<b>Usos</b>
Doenças do sistema nervoso	capim-cidreira, maracujá	ansiedade
Doenças do aparelho digestivo	boldo, caferana, losna, carqueja, limão, hortelã, jurubeba, camomila macela	indigestão, azia, náusea, dor de estômago, mal estar, fígado
Doenças do aparelho respiratório	eucalipto, assa-peixe	gripe, resfriado
Doenças do aparelho circulatório	colônia, limão, erva-de-bicho, confrei	pressão alta, sangue grosso, hemorróida, limpar o sangue
Doenças do aparelho geniturinário	tomate, algodão, quebra-pedra, romã, vassourinha, carobinha-do-campo	diurético, inflamação dos ovários, útero, bexiga, urina, menstruação, menopausa
Doenças da pele o do tecido subcutâneo	arruda, guiné, taioba	cocceiras, alergia, manchas
Doenças infecciosas e parasitárias	abóbora, hortelã, mastruz, jervão, camomila, cajú-manga	vermes, infecção intestinal
Doenças do sistema osteomuscular e tecido conjuntivo	tucum	energético
Transtornos mentais e comportamentais	erva- cidreira	calmante
Doenças do sangue e órgãos hematopoiéticos	salsaparrilha	limpa o sangue

dos com os registros emitidos através das consultas executadas pela Coordenadoria de Saúde Rural, de frequência mensal na comunidade (Relatório Anual da Secretaria Estadual de Saúde do Mato Grosso, 2004). A mesma presta assistência à saúde através de serviços ambulatoriais da Fundação da Saúde de Cuiabá – Coordenadoria de Saúde Rural da Prefeitura Municipal de Cuiabá.

### A mata de galeria

#### Biodiversidade: conhecimentos e práticas de utilização

A presença da mata de galeria, particularmente no cerrado mato-grossense, reveste-se de grande importância na vida da população regional. De um lado, pela oferta de remédios e alimentos para a subsistência das famílias, de outro, por ser um dos vetores que leva determinados moradores locais à conservação dos recursos nela existentes e, através dela se identificam socialmente, enquanto membro da comunidade.

A mata de galeria é considerada pela população local um componente essencial e fundamental à unidade paisagística que caracteriza a região. Nela encontram-se presentes os representantes da flora e da fauna local que são considerados símbolos vivos não só de uma geração, mas de várias gerações.

Na região estudada as matas de galeria se estendem por toda a extensão no alto da microbacia do rio Aricá-Açu e são drenadas pelos rios que nascem na serra da Chapada dos Guimarães e correm em direção ao rio Aricá-Açu. Tanto as matas de galeria quanto os rios presentes em cada propriedade lhes confere o valor patrimonial dos recursos naturais neles existentes, os quais são expressos pelas seguintes afirmações:

“... das matas nós tira de tudo, a madeira, a comida, os remédios, tem comida pra nós e pros bichos também... no tempo da seca é mais difícil os bichos saem prá buscá comida... no tempo das chuva tem mais fartura... na mata sempre tem água pros bichos ...” (Sra. D. A. A. da S, 69 anos. Comunidade de Conceição Açu, Cuiabá, MT).

“... Se acabá com a mata, acaba a sombra, acaba a água, a comida, acaba a fartura de tudo que se busca lá (na Mata)... o causo é que a gente e os bichos depende de tudo que tem na mata... é uma riqueza muito grande que a gente tem na vida, a gente tem que dá muito valor pra ela (Mata) tem que zelá”. (Sr. D. S. R. da S. 64 anos, comunidade de Conceição Açu, Cuiabá, MT).

As pessoas que vivem em Conceição-Açu também executam atividades como pesca, caça e coleta de frutos e produtos encontrados nas matas de sua propriedade rural. São as matas de galeria e seus respectivos cursos hídricos *locus* importantíssimos para a vida dos moradores que, ao utilizarem os recursos vegetais do meio ambiente, utilizando-se de diferentes formas de manejo tradicional, mantêm o ecossistema equilibrado, mesmo intervindo cotidianamente.

Quanto à coleta de produtos na mata de galeria, presenciou-se o processo de extração do óleo de copaíba, o qual é retirado do cerne da árvore (*Copaifera langsdorffii* Desf.), muito utilizado com finalidades medicinais. Para Almeida & Albuquerque (2002) esta espécie obteve um dos mais altos índices quanto ao valor de importância relativa (IR) das plantas conhecidas como medicinais na Feira de Caruaru, Agreste de Pernambuco. Em Conceição-Açu, a atividade de coleta acontece através de mutirão. Para execução da coleta são observados itens considerados

fundamentais como a idade da árvore, a altura, o diâmetro do tronco, localização da área a que pertencem às plantas selecionadas e a localização espacial da espécie na comunidade vegetal. Depois de identificadas e marcadas as árvores escolhidas, a próxima etapa é o processo de extração.

Durante o processo de extração os participantes não olham para cima, não falam alto, não gritam, não riem ou fazem qualquer outro tipo de manifestação efusiva “... *não pode perturba o ambiente... ela (árvore) esconde o líquido da gente*” (Sr. P. P. 66 anos. Comunidade de Conceição Açu. Cuiabá, MT). No entendimento desses moradores locais, essas atitudes estariam perturbando a energia que conserva a natureza em equilíbrio, estariam desrespeitando a “força maior” das matas e assim promovendo a desconcentração espiritual e mental dos extratores, a diluição do óleo e a diminuição da sua quantidade, conforme relato de um morador: “*Não pode estar ventando muito porque o vento promove o “espalhamento” do óleo da árvore para os galhos e as folhas e com isso provoca a redução na quantidade do produto a ser coletado*”. O material usado para a extração do óleo compõe-se do trado, mangueira de pequeno calibre, balde, frascos ou recipientes de vidro e cortiça. Conversam em voz baixa para definir a área e a altura da perfuração no tronco da árvore. Dá-se o início, então, à perfuração do tronco através do manivelar de um trado que o perfura até atingir o cerne. O tempo dispensado à etapa da coleta de óleo pode variar de árvore para árvore, conforme a quantidade de óleo existente, e demorar de duas até cinco ou seis horas.

O óleo é extraído, geralmente, de uma ou duas árvores apenas e a extração é sazonal,

preferencialmente no mês de agosto. Assim acontece porque esse período representa o final da época seca, significando que o óleo encontra-se mais concentrado, mais consistente. Apresenta aspecto viscoso, coloração amarelada e um aroma agradável. O óleo é usado como anti-inflamatório, para gripes, tosse, resfriados, dores no corpo, para tratar de feridas abertas, fraturas e alergias.

Outras espécies presentes nas matas da região, como *Calophyllum brasiliensis* Camb., *Hymenaea stigonocarpa* Mart., *Tabebuia heptaphylla* (Vell.) Toledo, *Bixa orellana* L., *Protium heptaphyllum* (Aubl.) March., *Croton salutaris* Muell. Arg., *Cariniana rubra* Gardner. ex. Miers., *Inga* sp, são bastante conhecidas e utilizadas pela população local. São árvores de terra firme e de certos lugares úmidos e arenosos. Sua madeira é usada para confecção de móveis, prateleiras, bancos, cercas e mourões. Alguns frutos são comestíveis e usados como remédio na medicina caseira. Um estudo que aborda o uso dos recursos vegetais da Caatinga, no agreste de Pernambuco revela que entre os usuários das plantas locais *Hymenaea stigonocarpa* Mart. ex. Hayne (jatobá) é altamente utilizado na região de Alagoinha (PE), demonstrando a importância da espécie como medicinal para a comunidade local (Albuquerque & Andrade, 2002).

Para Vendruscolo *et al.*, 2006 ao abordarem o uso das plantas na categoria medicinal ressaltam a importância do valor de uso, a forma de coleta e o armazenamento das espécies *Achyrocline satureioides* (“marcela”) e *Cuphea carthagenensis* (“sete-sangria”), entre outras espécies com maior índice de importância para a comunidade local e que são adquiridas com vizinhos e amigos que as cultivam.

Na região de Conceição-Açu o trabalho nas matas de galeria encerra dimensões múltiplas, reunindo elementos que fazem parte da percepção que as pessoas detêm sobre as plantas através do seu cotidiano, associado aos elementos atrelados ao mundo mágico, ritual, espiritual, enfim, ao simbólico. A natureza é um lugar de permanente observação e reprodução de saberes. A mata de galeria é percebida como uma unidade fundamental na paisagem da região desenhada por seus contornos hídricos e florísticos que lhe atribuem um valor substancial ao cenário ribeirinho e rural de Conceição-Açu. As espécies vegetais que compõem a flora são descritas pela função que exercem, disponibilidade de acesso, cor, forma, aroma, sabor, frutos e folhas.

A forma como os moradores classificam os recursos vegetais das matas de galeria em Conceição-Açu permite descrever as plantas do ser humano, as plantas de animais de caça, as plantas de peixes, segundo suas características percebidas pelo conhecimento, visual, tátil e olfativo adquirido no seu cotidiano. Depoimentos de pessoas entrevistadas referem o conhecimento empírico de objetos da natureza.

*“... Os frutos do jatobá é bom pra peixe... O que escorre do tronco do jatobá parece sangue puro... Quando colhe no vidro é igual a sangue de gente... não tem deferença...por isso a seiva dele(do jatobá) é bom pra curá anemia nas pessoas... o sangue do jatobá e das pessoas se parecem por demais...”* (Sra. A.M.P. 82 anos. Comunidade de Conceição Açu, Cuiabá, MT).

*“... toda planta tem seu uso pra pessoa, no causo e até pros bichos, tem a folha, tem a raiz, tem o tronco. A gente conhece cada uma olhando bem pras folha, amassa as fo-*

*lhas e já sente o cheiro, se a casca tem cheiro ardido... a gente até expremeta na língua para sabe o tipo de cada planta, assim não erra... o óleo da copaíba é bom pra pessoa e pras machucaduras nos bichos, serve pra tudo...”* (Sr. M.A.M, 78 anos. Comunidade de Conceição Açu, Cuiabá, MT).

Em Conceição-Açu, as plantas são reconhecidas através dos nomes vulgares (tabela 4) que definem as diferentes espécies ou mesmo as variedades de uma mesma espécie. Assim, as pessoas identificam a planta em função da utilização das partes da mesma para um determinado fim. Além disso, investem o seu conhecimento em função da quantidade de indivíduos da espécie como forma de conservar os vegetais enquanto recurso de uso para sua subsistência. Transcreve-se a referência de alguns entrevistados:

*“... o óleo da sangra d'água serve para remédio, ele cura as ferida... fecha as feridas depressa... mais não pode usá logo cedo da machucadura, tem de esperá uns dias e aí já pode bebe ou passa dele na ferida...essa árvore tem bastante na beira do rio”* (Sra. D.G.D. 53 anos. Comunidade de Conceição Açu, Cuiabá, MT).

*“... a casca do catipé é boa pra fazer o sabão preto... sabão muito bom pra lavá... lava até as ferida, as machucadura... limpa tudo...”* (D.A.A. da S., 59 anos. Comunidade de Conceição Açu, Cuiabá, MT).

Nas matas de galeria o valor dispensado a cada planta varia de acordo com a multiplicidade de sua utilização. Existem plantas que têm diferentes partes utilizadas, como a raiz, o tronco e as folhas, outras apenas as raízes ou as folhas. Uma espécie vegetal pode pertencer a várias categorias, podendo

ser mencionada como alimentícia, medicinal e ornamental.

O seu valor de uso será, então, diretamente proporcional ao número de usos mencionados. As categorias de uso mencionadas foram: alimentícia, medicinal, ornamental, místico, madeireira (construção de utensílios de trabalho e domésticos), tecnologia (móveis, sabão) e rituais religiosos ou cerimoniais (tabela 4).

A utilização múltipla das plantas é que vai expressar os valores dados as mesmas. Assim é pois, aquelas que permitem acumular o caráter de uso alimentar com outros dois ou três (medicinal, ornamental, místico etc) são as mais valoradas por serem as mais utilizadas. A valoração utilitária das espécies apresentadas na tabela 4 mostrou que 52% das mesmas possuem  $vusp = 1,00$ . Outras espécies que representam muito bem o valor de uso das plantas locais ( $vusp = 2,00$ ) são *Anadenanthera peregrina* (L.) Spreng., *Myracrodruon urundeuva* (Fr.All.) Engl., *Diptychandra aurantiaca* Tul., *Tabebuia ochracea* Standl., *Tabebuia heptaphylla* (Vell.) Toledo, *Cariniana rubra* Gardner. ex. Miers., *Lafoensia pacari* St. Hil., *Tabebuia aurea* (M.) Benth. & Hook., *Acosmium subelegans* (Mohl.) Yak., *Tamarindus indica* L. e *Bactris glaucescens* Drude. Com valoração utilitária  $vusp = 2,33$  encontramos *Hymenaea stigonocarpa* Mart. ex. Hayne (jatobá), ou seja, com ampla utilização entre as pessoas da comunidade pela multiplicidade de usos. Para as espécies que apresentam maior valoração utilitária, ou seja,  $vusp = 2,50$  destaca-se *Orbignya oleifera* Burret. (babaçu) que envolve valor atribuído ao seu uso como artesanato, cobertura de residência e de casas de farinha etc, *Copaifera langsdorffii* Desf. caracterizada como medicinal

o valor atribuído envolve a disponibilidade de extrato usado na medicina popular regional associado as manifestações culturais, principalmente no processo de extração. A espécie *Aspidosperma polyneuron* Muell. Arg. (guatambu) muito usado na categoria madeira e seu valor atribuído se dá em relação a satisfação direta das necessidades materiais para construção de residências, dos equipamentos de trabalho, de casas de farinha e cercado para animais. E *Croton salutaris* Muell. Arg. (sangra d'água) apresenta também alta valoração utilitária por apresentar multiplicidade de usos expressivos, principalmente nas categorias medicinal e madeira na região.

Para Torres-Cuados & Islebe (2003), as relações entre a importância cultural das espécies de plantas, expressa pelo valor de uso, e sua disponibilidade, expressa pelo valor de importância, podem significar que nem todas as espécies de plantas são utilizadas de acordo com sua disponibilidade no sistema e que a utilização de um recurso e o conhecimento de seu uso pode gerar um impacto positivo ou negativo em sua sustentabilidade. Apesar de Phillips & Gentry (1993a) afirmarem que as espécies mais comuns são as mais conhecidas pelas pessoas, Albuquerque & Andrade (2002a) afirmam que as espécies mais importantes para uma comunidade não são necessariamente as mais abundantes ou importantes do ponto de vista ecológico, com algumas exceções, o que foi comprovado por este estudo.

No sistema de reconhecimento por valoração utilitária no componente florístico as famílias botânicas reconhecidas foram em número de 43 (tabela 4) sendo as que mais se destacaram por categoria e número de espécies: valor de uso das espécies e importância

**Tabela 4.** Plantas da mata de galeria usadas pela comunidade de Conceição-Açu, MT. Categorias de uso: A = Alimentar; R = Remédio; Or = Ornamental; Ot = Outros: madeira, artesanato, lenha. Valor de uso das espécies = Vusp; Ref = coletor e número (MCP=M.C. Pasa); Hábito: HB= Herbácea; SA= Subarbastivo; AB= Arbustivo; AV= Arbóreo; PAL= Palmeira; EPI= Epífita; TR= Trepadeira. Origem: N= Nativa; C= Cultivada; E= Espontânea

Nome popular	Espécie	Família	Uso	Vusp	Hábito	Origem
Algodãozinho	<i>Brosimum gaudichaudii</i> Trécul.	Moraceae	R	1.00	AB	N
Amescla	<i>Protium heptaphyllum</i> (Aubl.) Marchand.	Bursaceae	R	1.00	AV	N
Angélica, tiborna	<i>Himatanthus obovatus</i> Müll. Arg.	Apocynaceae	R	1.00	AB	N
Angico	<i>Anadenanthera falcata</i> (Benth.) Spreng.	Mimosaceae	Ot	1.50	AV	N
Angico branco	<i>Anadenanthera peregrina</i> (L.) Spreng.	Mimosaceae	Ot	2.00	AV	N
Angico jacaré	<i>Anadenanthera peregrina</i> (L.) Spreng.	Mimosaceae	Ot	1.50	AV	N
Aricá	<i>Physocalymma scaberrim</i> Pohl.	Lythraceae	Ot	1.33	AV	N
Aroeira	<i>Myracrodunon urundeuva</i> (Fr.All.) Engl.	Anacardiaceae	Ot	2.00	AV	N
Assa peixe	<i>Vernonia ferruginea</i> Less.	Asteraceae	R	1.66	HB	N
Ata do mato	<i>Annona dioica</i> St. Hil.	Annonaceae	A	1.00	AV	N
Babaçu	<i>Orbignya oleifera</i> Burret.	Arecaceae	A,Ot	2.50	PAL	N
Bacuri	<i>Rheedia brasiliensis</i> Camb.	Clusiaceae	R,Ot	1.50	AV	N
Banana	<i>Musa paradisiaca</i> L.	Musaceae	A	1.50	AB	C
Barbatimão	<i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Coville	Mimosaceae	R	1.50	AV	N
Bocaiúva	<i>Acrocomia aculeata</i> (Jacq.) Lodd. ex. Mart.	Arecaceae	A	1.00	PAL	N
Cabaça coite	<i>Crescentia cujete</i> L.	Bignoniaceae	R	1.00	AV	N
Cabriteiro	<i>Rhamnidium elaeocarpum</i> Reiss.	Rhamnaceae	Ot	1.00	AB	N
Café	<i>Coffea arabica</i> L.	Rubiaceae	A	1.33	AB	C
Cambará-do-mato	<i>Vochysia haenkeana</i> Mart.	Vochysiaceae	Ot	1.33	AV	N
Cana-de-macaco	<i>Philodendron</i> sp.	Araceae	R	1.00	HB	C
Cancerosa	<i>Synadenium grantii</i> Hook. f.	Euphorbiaceae	R	1.00	AB	C
Canjiquinha	<i>Byrsonima intermedia</i> A. Juss.	Malpighiaceae	Ot	1.00	AV	N



Tabela 4. Continuação.

Nome popular	Espécie	Família	Uso	Vusp	Hábito	Origem
Cansação	<i>Jatropha urens</i> L.	Euphorbiaceae	R	1.00	SA	N
Carobinha-branca	<i>Jacaranda decurrens</i> Cham.	Bignoniaceae	R	1.00	AB	N
Carvão-branco	<i>Callisthene fasciculata</i> (Spr.) Mart.	Vochysiaceae	Ot	1.33	AV	N
Carvão vermelho	<i>Diptrychandra aurantiaca</i> Tul.	Caesalpiniaceae	Ot	2.00	AV	N
Catipé	<i>Licania</i> sp.	Chrysobalanaceae	Ot	1.00	AV	N
Catuaba	<i>Anemopaegma arvense</i> (Vell.) S.	Bignoniaceae	R	1.00	SA	N
Chico-magro	<i>Guazuma ulmifolia</i> Lam.	Sterculiaceae	R	1.00	AV	N
Cipó-caboclo	<i>Doliocarpus</i> sp.	Dilleniaceae	R	1.00	TR	N
Copaiba	<i>Copaifera langsdorffii</i> Desf.	Caesalpiniaceae	R	2.50	AV	N
Coração-de-negro	<i>Crisophyllum</i> sp.	Sapotaceae	Ot	1.00	AV	N
Coroa-de-frade	<i>Mouriria elliptica</i> Mart.	Melastomataceae	R	1.00	AV	N
Cumbarú	<i>Dipteryx alata</i> Vogel	Leguminosae	Ot	1.75	AV	N
Dorme-dorme	<i>Mimosa adenocarpa</i> Benth.	Mimosaceae	R	1.50	AV	N
Douradinha	<i>Palicourea xanthophylla</i> Muell. Arg.	Rubiaceae	R	1.00	AS	N
Embaúba	<i>Cecropia pachystachya</i> Trécul	Cecropiaceae	R	1.00	AV	E
Ervã-de-bicho	<i>Polygonum acre</i> Lam.	Polygonaceae	R	1.00	HB	N
Espicha-couro	<i>Xylopia aromática</i> (Lam.) Mart.	Annonaceae	Ot	1.00	AV	C
Fruta-do-conde	<i>Annona reticulata</i> L.	Annonaceae	A.R.	1.00	AV	C
Gervão	<i>Stachytarpheta angustifolia</i> Lopez-Palacios	Verbenaceae	R	1.00	HB	E
Gravatá	<i>Bromelia balansae</i> Mez.	Bromeliaceae	R	1.00	HB	N
Guanandi	<i>Callophyllum brasiliensis</i> Camb.	Clusiaceae	R	1.00	AV	N
Guaraná	<i>Paullinia cupana</i> H.B.K.	Sapindaceae	A.R.	1.50	TR	C
Guatambu	<i>Aspidosperma polyneuron</i> Muell. Arg.	Apocynaceae	Ot	2.50	AV	N
Hortelã-do-brejo	<i>Hyptis goyazensis</i> St. Hil. ex. Benth	Lamiaceae	R	1.66	HB	C
Ingá	<i>Inga edulis</i> Mart.	Leguminosae	R	1.50	AV	N
Ipê-amarelo	<i>Tabebuia ochracea</i> Standl.	Bignoniaceae	R	2.00	AV	N
Ipê-roxo	<i>Tabebuia heptaphylla</i> (Vell.) Toledo	Bignoniaceae	R	2.00	AV	N

Tabela 4. Continuação.

Nome popular	Espécie	Família	Uso	Vusp	Hábito	Origem
Jaborandi-da-mata	<i>Ottonia corcovadensis</i> Miq	Piperaceae	R	1.00	AB	N
Jatobá	<i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart. ex. Hayne	Caesalpiniaceae	R	2.33	AV	N
Jequitibá	<i>Cariniana rubra</i> Gardner ex. Miers	Lecythidaceae	R	2.00	AV	N
Jurubeba	<i>Solanum aff. lycocarpum</i> A. St.-Hil.	Solanaceae	R	1.00	AB	N
Limão	<i>Citrus limonum</i> Osb.	Rutaceae	R	1.00	AB	C
Língua-de-vaca	<i>Orthopappus angustifolius</i> (Sw.) Gleason.	Asteraceae	R	1.00	HB	C
Lixeira	<i>Curatella americana</i> L.	Dilleniaceae	R	1.66	AV	N
Lixinha	<i>Davilla nitida</i> (Vahl.) Kubitz	Dilleniaceae	R	1.00	AB	N
Louro-branco	<i>Cordia glabrata</i> (Mart.) A. DC.	Boraginaceae	A	1.00	AV	N
Mamica-de-porca	<i>Zanthoxylum rhoifolium</i> Lam.	Rutaceae	Ot	1.00	AV	N
Mangaba	<i>Hancornia speciosa</i> Gomez	Apocynaceae	R	1.50	AV	N
Mangava-brava	<i>Lafoensia pacari</i> St. Hil.	Lythraceae	R	2.00	AV	N
Maracujá-do-mato	<i>Passiflora</i> sp.	Passifloraceae	R	1.00	TR	N
Maria-pobre	<i>Dilodendron bipinnatum</i> Radlk.	Sapindaceae	R	1.33	AV	N
Marmelada-bola	<i>Alibertia edulis</i> (L.R.) A. Rich ex DC.	Rubiaceae	R	1.00	AB	N
Marmelada-espinho	<i>Alibertia verrucosa</i> S. Moore	Rubiaceae	A	1.00	AB	N
Negramina	<i>Siparuna guianensis</i> Aublet	Siparunaceae	R	1.50	AV	N
Olho-de-pomba	<i>Coussarea hydrangeaeifolia</i> Benth. & Hook.	Rubiaceae	R	1.00	AV	N
Paratudo	<i>Tabebuia aurea</i> (M.) Benth. & Hook.	Bignoniaceae	R	2.00	AB	N
Pau-d'anta	<i>Cybistax antisyphylitica</i> Mart.	Bignoniaceae	R	1.00	AV	N
Pau-doce	<i>Vochysia rufa</i> Mart.	Vochysiaceae	R	1.00	AV	N
Pau-santo	<i>Kielmeyera coriacea</i> Mart.	Clusiaceae	Ot	1.50	AV	N
Pau-terra	<i>Qualea grandiflora</i> Mart.	Vochysiaceae	R	1.50	AV	N
Pau-terra-macho	<i>Qualea multiflora</i> Mart.	Vochysiaceae	Ot	1.00	AV	N

Tabela 4. Conclusión.

Nome popular	Espécie	Família	Uso	Vusp	Hábito	Origem
Pequi	<i>Caryocar brasiliense</i> Cambess.	Caryocaraceae	A	1.75	AV	N
Periquiteiro	<i>Trema micrantha</i> (L.) Blume	Ulmaceae	Ot	1.00	AV	E
Peroba	<i>Aspidosperma australe</i> Muell.Arg.	Apocynaceae	R	1.00	AV	N
Pitomba	<i>Talisia esculenta</i> (A.St.-Hil.) Radlk	Sapindaceae	A	1.33	AV	N
Quina-genciana	<i>Acosmium subelegans</i> (Mohl.) Yak.	Fabaceae	R	2.00	AV	N
Rabo-de-caxinguelê	<i>Phlebodium decumanum</i> (Willd.) J. Sm.	Polypodiaceae	R	1.00	EPI	N
Salsa paredão	<i>Caladium</i> sp.	Araceae	R	1.00	HB	N
Samambaia-mato	<i>Polypodium</i> sp.	Polypodiaceae	Or	1.00	EPI	N
Sangra-d'-água	<i>Croton salutaris</i> Muell. Arg.	Euphorbiaceae	R	2.50	AV	N
Serigüela	<i>Spondias lutea</i> L.	Anacardiaceae	A	1.00	AV	C
Sucupira-branca	<i>Pterodon pubescens</i> Benth.	Fabaceae	R	1.50	AV	N
Sucupira-preta	<i>Bowdichia virgiloides</i> H. B. K.	Fabaceae	R	1.50	AV	N
Taioba	<i>Colocasia esculenta</i> L.	Araceae	R	1.00	HB	C
Tamarindo	<i>Tamarindus indica</i> L.	Leguminosae	R	2.00	AV	C
Tarumã	<i>Vitex cynosa</i> Bertero ex. Spreng.	Verbenaceae	R	1.00	AV	N
Tarumarana	<i>Buchenavia tomentosa</i> Eichl.	Combretaceae	R	1.00	AV	N
Timbó	<i>Magonia pubescens</i> St. Hil.	Sapindaceae	R	1.00	AV	N
Tripa de galinha	<i>Bauhinia glabra</i> Jacq.	Caesalpiniaceae	R	1.00	TR	N
Tucum	<i>Bactris glaucescens</i> Drude	Areaceae	A	2.00	PAL	N
Unha-de-boi	<i>Bauhinia</i> sp.	Caesalpiniaceae	R	1.75	AB	N
Urucum	<i>Bixa orellana</i> L.	Bixaceae	A	1.66	AB	C
Uva-brava	<i>Cissus erosa</i> Rich.	Vitaceae	R	1.00	TR	N
Vinhático	<i>Plathymenia reticulata</i> Benth.	Mimosaceae	Ot	1.00	AV	N
Ximbuva	<i>Enterolobium contortisiliquum</i> (Vell.) M.	Mimosaceae	Ot	1.00	AV	N

cultural. Alimentícia (26%) com destaque para Arecaceae e Rubiaceae (3 espécies cada); Medicinal: (66%) destacando-se Mimosaceae (8 espécies), Bignoniaceae (7 espécies), Caesalpiniaceae (6 espécies), Fabaceae e Sapindaceae (4 espécies cada), Apocynaceae, Araceae, Asteraceae, Dilleniaceae, Euphorbiaceae e Rubiaceae (3 espécies cada) e Clusiaceae, Moraceae, Polypodiaceae e Vochysiaceae (2 espécies cada) e Ornamental: Polypodiaceae. Nas demais categorias destacam-se: Mimosaceae (4 espécies), Clusiaceae, Rutaceae e Vochysiaceae (2 espécies cada).

A maior parte das plantas usadas como remédio na comunidade local destina-se ao tratamento de problemas referentes as doenças do sangue e órgãos hematopoiéticos como hipertensão arterial, dor de cabeça, tontura, furunculos, anemia entre outros. Em segundo lugar, para as afecções do sistema digestório (15%), seguido das doenças infecciosas e parasitárias (13%), doenças do aparelho genito-urinário e digestivo (10%) cada, doenças da pele (5%) e doenças do sistema nervoso, sistema osteomuscular, tecido conjuntivo e neoplasias (3%) cada. (tabela 5).

A maioria das plantas recebeu, em média, três usos terapêuticos, destacando-se *Cariniana rubra* Gardner. ex. Miers (gastrite, hemorróida, inflamação da garganta, inflamação dos ovários); *Copaifera langsdorffii* Desf. (antinflamatório, depurativo do sangue, cicatrizante); *Stryphnodendron adstringens* (Mart.) Coville (úlceras, inflamação, ferida).

A parte da planta que obteve o maior percentual de uso foi a folha (48.3%), seguido da casca do caule (23%) e da raiz (6.8%).

Entre as formas de preparo utilizadas pela população local a mais expressiva é o chá, com 63%, outras formas também foram relatadas como xarope, infusão, emplastro, compressas, banhos e garrafada.

A população local ao usar as plantas como remédio citou com maior frequência as doenças como gripe, febre, resfriados, gastrite, úlcera, problemas do fígado e estômago, feridas, tonturas, inflamação do útero e ovário. Assim a utilização das espécies medicinais encontradas nas matas de galeria ocorre, preferencialmente, em função da proximidade com o local de coleta. O extrativismo prevalece como forma de obtenção da maioria das espécies, principalmente as folhas para ervas e arbustos, seguido da casca do caule para árvores. As sementes, frutos e raízes são utilizados em menores proporções. Nesse sentido, diante da realidade em que vive a comunidade local, o que prevalece é o empírico, de modo que a maioria das plantas usadas como medicinais pertence à flora mato-grossense e o investimento em estudos farmacológicos proporcionaria resultados expressivos, contribuindo para o uso das espécies referidas com maior precisão. Corroborando com a idéia Schwenk *et al.*, 1999; Macedo *et al.*, 2004; Bortolotto *et al.*, 2004; Bertsch *et al.*, 2005; Pasa (2007) e Morais *et al.*, 2009, apreendem os mesmos fatos e feitos em comunidades matogrossenses.

## CONCLUSÃO

Nos quintais e roças as plantas foram classificadas como cultivadas, pois sofreram algum tipo de manejo pelo homem e a preferência de usos é equivalente, alimento representa 48% e medicinal 45%. Nas matas de galeria e adjacências as plantas coletadas são úteis e não tiveram qualquer tipo de

**Tabela 5.** Espécies das matas de galeria usadas como remédio pela comunidade de Conceição-Açu, Cuiabá, Mato Grosso.

<b>Categorias</b>	<b>Espécies</b>	<b>Usos</b>
Doenças do sistema nervoso	maracujá-do-mato, dorme-dorme	ansiedade, calmante, sistema nervoso
Doenças do aparelho digestivo	jequitibá, mangava-brava, marmelada bola, olho-de-pomba, jurubeba, gervão, pau-terra	gastrite, úlcera, dor de estômago
Doenças do aparelho respiratório	assa-peixe, cabaça coité, mescla, hortelã do brejo, ingá, embaúba, sucupira	Gripe, febre, tosse, bronquite, sinusite, constipação nasal
Doenças do aparelho circulatório	salsa paredão, urucum, guanandi, copaíba, coroa-de-frade, negramina, taioba, tripa de galinha, sucupira preta	pressão alta, varize, prurido, hemorróida, malina, ácido úrico, depurativo do sangue
Doenças do aparelho geniturinário	lixeira, carobinha branca, tamarindo, embaúba, douradinha, rabo-de-caxinguelê	doença venérea, pedra nos rins, bexiga, cistite, rins, inflamação no canal da urina
Afecções sistema tegumentar	chico-magro, cipó-caboclo tarumarana	alergia, irritação da pele, feridas
Doenças do olho e anexos	Bacuri	dor no olho
Doenças infecciosas e parasitárias	jaborandi da mata, douradinha, lixinha, salsa paredão, cabaça coité, tiorna, sucupira preta, maria pobre	limpa intestino, tuberculose, dor de barriga, depurativo, verme, prurido anal
Doenças do sistema osteomuscular e conjuntivo	pau d'anta, pau-terra-macho, aroeira	dor nas cadeiras, arca caída
Neoplasias	ipê-roxo, ipê-amarelo	início de câncer
Doenças do sangue e órgãos hematopoiéticos	fruta-do-conde, taioba, língua-de-vaca, carobinha branca, paratudo, sangra d'água, guanandi, jatobá, jequitibá, copaíba, sucupira preta	anemia, depurativo do sangue, fraqueza, reumatismo

manejo consciente. As plantas coletadas englobam as nativas representando 83% das espécies utilizadas na região e as espontâneas, ou seja, as que nascem e crescem sem interferência humana nesse ambiente natural. Assim, nas matas de galeria a equivalência das categorias de uso medicinal e alimentícia demonstra a diversidade vegetal do ambiente e a conseqüente diversidade cultural na utilização das plantas locais. Quanto ao valor de uso das espécies nativas destacam-se: *Copaifera langsdorffii* Desf (copaíba), *Diptychandra aurantiaca* Tul. (carvão vermelho), *Cariniana rubra* Gardner. ex. Miers (jequitibá), *Tabebuia aurea* (M.) Benth & Hook (paratudo), *Acosmium subelegans* (Mohl.) Yak. (quina genciana), *Aspidosperma polyneuron* Muell. Arg. (guatambu), *Tabebuia ochracea* Standl. (ipê-amarelo), *Tabebuia heptaphylla* (Vell.) Toledo (ipê-roxo), *Croton salutaris* Muell. Arg. (sangra d'água), *Myracrodunon urundeuva* (Fr.All.) Engl. (aroeira), *Orbignya oleifera* Burret. (babaçu), *Hymenaea stigonocarpa* Mart. ex. Hayne (jatobá), *Lafoensia pacari* St. Hil. (mangava-brava), *Bactris glaucescens* Drude (tucum), entre outros. Destaque para as famílias Mimosaceae, Bignoniaceae, Caesalpiniaceae, Fabaceae e Sapindaceae. A comunidade de Conceição-Açu concebe os recursos vegetais dentro de um significado muito amplo de utilidade apresentando uma dependência dos recursos localmente disponíveis, especialmente de plantas medicinais na mata de galeria e alimentar nas roças e quintais. Os usos dos recursos vegetais descritos na mata de galeria revelam um expressivo aproveitamento em relação às funções de coleta, demonstrando uma preocupação com a manutenção das potencialidades vegetais contribuindo, dessa forma, para a conservação da biodiversidade nos ecossistemas naturais.

## AGRADECIMENTOS

Ao Grupo de Pesquisas da Flora, Vegetação e Etnobotânica – FLOVET da Universidade Federal de Mato Grosso, em especial Prof. Dr. Germano Guarim Neto. Aos moradores de Conceição-Açu pela disponibilidade e carinho. Às Profas. Dra. Carmen Eugenia Rodríguez Ortiz, pelo resumo e Marcelle Lazzari, pelo Abstract.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, C.F.C.B.R. & Albuquerque, U.P., 2002. “Uso e conservação de plantas e animais medicinais no Estado de Pernambuco (Nordeste do Brasil): um estudo de caso”. *Interciência*, **27**(6): 276-285.
- Albuquerque, U.P. & Andrade, L.H.C., 2002. “Uso de recursos vegetais da caatinga: o caso do Agreste do Estado de Pernambuco (Nordeste do Brasil)”. *Interciência*, **27**(7): 336-346.
- , 2002a. “Conhecimento botânico tradicional e conservação em uma área de caatinga no Estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil”. *Acta Botanica Brasilica*, **16**(3): 273-285.
- Albuquerque, U.P.; Lucena, R.F.P.; Cunha, L.V.F.C (org.), 2008. *Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica*. Recife, Comunigraf Editora/ NUPEEA, Recife-PE.
- Albuquerque, U.P. & Lucena, R.F.P., 2005. “Can apparency affect the use of plants by local people in Tropical Forests?” *Interciência*, **30**(8): 506-511.



- Alexiades, M., 1996. *Selected guidelines for ethnobotanical research: a field manual*. New York. The New York Botanical Garden.
- Amorozo, M.C.M., 2000. "Management and conservation of *Manihot esculenta* Crantz. germ. plasm by tradicional farmers in Santo Antonio do Leverger, Mato Grosso State, Brazil". *Etnoecologica*, **4**(6): 69-83.
- Amorozo, M.C. de M. & Gely, A., 1988. "Uso de plantas medicinais por caboclos do Baixo Amazonas. Barcarena, PA, Brasil". *Bol. Mus. Para, Emílio Goeldi. Sér. Bot.*, **4**: 47-131.
- Begossi, A., 2001. "Espaços e recursos naturais de uso comum". In: *Resiliência e populações neotradicionais: os caiçaras (Mata Atlântica) e os caboclos (Amazônia, Brasil)*. São Paulo. NUPAUB, USP, Pp. 205-231.
- Berg, M.E. van den, 1980. "Contribuição à flora medicinal do estado do Mato Grosso. In: Simpósio de Plantas Medicinais do Brasil". *Supl. Ciência e Cultura*, **33**: 163-17.
- Bertsch, C.; Vogl, R.C.; Da Silva, J.C., 2005. "Ethnoveterinary medicine for cattle and horses in the northern Pantanal Mato-grossense, Brazil". P. 233. In: *Anais do IV International Congress of Ethnobotany*. Ege Yayinlari: Istanbul.
- Borba, A.M. & Macedo, M., 2006. "Plantas medicinais usadas para a saúde bucal pela comunidade do Bairro Santa Cruz. Chapada dos Guimarães, Mato Grosso. Brasil". *Acta Botânica Brasílica*, **20**(4): 771-782.
- Bortolotto, I.M. & Amorozo, M.C.M., 2004. "Etnobotânica na comunidade do amolar, Corumbá, MS". In: *Anais do IV Simpósio sobre Recursos Naturais e Sócio-econômicos do Pantanal*. Embrapa: Corumbá.
- Caballero, J., 1994. "La dimension culturelle de la diversité végétale au Mexique". *Journal d'Agriculture Traditionel et de Botanique Appliqué*, **36**: 145-158.
- , 1979. "La Etnobotânica". In: Barrera a. (ed.). *La Etnobotânica: tres puntos de vista y una perspectiva*. Xalapa.INIREB. Pp. 27-30 .
- Candido, A., 1964. *Os parceiros do Rio Bonito estudo sobre o caipira paulista e a transformacao dos seus meios de vida*. Rio de Janeiro: Jose Olympio Editora, 239 pp.
- Cronquist, A., 1988. *The Evolution and Classification of Flowering Plants 2nd ed.*, The New York Botanical Garden, New York. 555 pp.
- Ferraz, J.S.F.; Albuquerque, U.P. de. & Meunier, I.M.J., 2006. "Valor de uso e estrutura da vegetação lenhosa às margens do riacho do Navio, Floresta, PE, Brasil". *Acta Bot. Bras.*, **20**(1): 258-306.
- Galeano, G., 2000. "Forest use at the Pacific Coast of Chocó, Colômbia: a quantitative approach". *Economic Botany*, **54**(3): 358-376.

- Geertz, C., 2000. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Vozes: Petrópolis.
- Guarim, Neto, G. & Carniello, M.A. (Org.), 2008. *Quintais mato-grossenses: espaços de conservação e reprodução de saberes*. EDUNEMAT: Cáceres.
- Guarim Neto, G.; Santana, S.R. & Silva, J.V.B., 2000. "Notas etnobotânicas de espécies de Sapindaceae Jussieu". *Acta Botanica Brasílica*, **14**(3): 327-334.
- IBGE, 2006. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo demográfico ano 2006*. Brasília: IBGE.
- Martin, G.J., 1995. *Etnobotany: A methods manual*. World Wide Found for Nature. Cambridge.
- Macedo, M. & Ferreira, A.R., 2004. "Plantas medicinais usadas para tratamentos dermatológicos, em comunidades da Bacia do Alto Paraguai, Mato Grosso". *Rev. Bras. Farmacogn.*, **14**(1): 40-44.
- Minayo, M.C. de S., 1994. *O desafio do conhecimento*. Pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: HUCITEC; ABRASCO.
- Morais, F.F.; Moraes, R. & Da Silva, C.J., 2009. "Conhecimento ecológico tradicional sobre plantas cultivadas pelos pescadores da comunidade Estirão Comprido, Pantanal Mato-grossense, Brasil". *Bol. Museu Emílio Goeldi*, **4**(2): 277-294.
- Organização Mundial de Saúde, 2000. *Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde*. 10ª revisão, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Vol. 1. 1191 p.
- Pasa, M.C., 2007. *Um olhar etnobotânico sobre as comunidades do Bambá, Cuiabá, MT*. Ed. Entrelinhas, Cuiabá, MT. 176 pp.
- Pasa, M.C. & Guarim Neto, G., 2006. Plantas medicinais no Vale do Aricá, município de Cuiabá, Estado de Mato Grosso, Brasil. *Biodiversidade*, **1**(4): 10-27.
- Pasa, M.C. & Guarim Neto, G., 2005. "Garrafadas medicinais de plantas de Mato Grosso (I): *Anemopaegma arvens* (Vell.) Stehlé e *A. glaucum* Mart. Ex DC". *Biodiversidade*, **1**(4): 28-38.
- , 2004. *Talisia subalbans* (Martius) Radlkof (Sapindaceae): Espécie endêmica do cerrado de Mato Grosso. *Biodiversidade*, **1**(3): 42-48.
- PCBAP, 1997. "Programa Nacional do Meio Ambiente": *Diagnóstico dos Meios Físico e Biótico*. Brasília: PNMA, **2**(1): 32-38.
- Phillips, O. & Gentry, A.H., 1993a. "The useful plants of Tambopata, Peru. I. Statistical hypotheses with a new quantitative technique". *Economic Botany*, **47**(1): 33-43.
- Phillips, O.L., 1996. "Some quantitative methods for analyzing ethnobotanical knowledge". In: Alexiades, M. N. (Ed.) *Selected Guidelines for Ethnobotanical Research: a field manual*. NY. NYBG.

- Polhill, R.M. & P.H. Raven, 1981. *Advances in Legume Systematics*. Kew, Kew Royal Botanical Gardens.
- Radambrasil, 1982. *Levantamento de Recursos Naturais*. Folha SD 21, Cuiabá. V. 26. Brasília. MME/ SG.
- Strabler, A.N. & Strabler, A.H., 1989. *Geografia Física*. 3º ed, Ediciones Omega S.A. Platô, 2. Barcelona.
- Schwenk, L.M. & Da Silva, C.J., 1999. "Uso da terra e vegetação na região de Mimoso no Pantanal Mato-Grossense". *Revista Mato-grossense de Geografia*, **3**(4): 121-150.
- Torres-Cuadros, M.A. & Islebe, G.A., 2003. "Tradicional ecological knowledge and use of vegetation in southeastern México: a case study from Solferino, Quintana Rôo". *Biodiversity and Conservation*, **12**: 2455-2476.
- Vendrusculo, G.S. & Mentz, L., 2006. "A Estudo da concordância das citações de uso e importância das espécies e famílias utilizadas como medicinais pela comunidade do bairro Ponta Grossa, Porto Alegre, RS, Brasil". *Acta Botanica Brasilica*, **20**(2): 367-382.
- Wiersum, K.F., 1982. "Tree garden and Taungya on Java: exemplares of agroforestry techniques". *Agroforestry System*, **1**: 53-70.